



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ – UFOPA  
INSTITUTO CIÊNCIAS DA SOCIEDADE - ICS  
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA - PAA**

**ELOANE JANAY DOS SANTOS PICAÑO**

**OS ENCONTROS DA CABANAGEM E A REVALORIZAÇÃO DA  
MEMÓRIA EM CUIPIRANGA - PA**

**SANTARÉM - PA  
2019**

**ELOANE JANAY DOS SANTOS PICAÑO**

**OS ENCONTROS DA CABANAGEM E A REVALORIZAÇÃO DA  
MEMÓRIA EM CUIPIRANGA - PA**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Antropologia no âmbito do Programa de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA).

Orientador: Florêncio Almeida Vaz Filho

**SANTARÉM - PA  
2019**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFOPA**

---

P585o Picanço, Eloane Janay dos Santos  
Os encontros da cabanagem e a revalorização da memória em Cuipiranga- PA / Eloane Janay dos Santos Picanço. – Santarém, 2019.

44f. : il.  
Inclui bibliografias.

Orientador: Florêncio Almeida Vaz Filho  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade, Programa de Antropologia e Arqueologia, Bacharelado em Antropologia.

1. Cabanagem - Cuipiranga. 2. Memória. 3. Identidades. I.Vaz Filho, Florêncio Almeida, *orient.* II.Título.

CDD: 930.109811

---

Bibliotecária - Documentalista: Giselle Pinheiro – CRB/2 596



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE  
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA  
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

**ELOANE JANAY DOS SANTOS PICANÇO**

**"OS ENCONTROS DA CABANAGEM E A REVALORIZAÇÃO DA MEMÓRIA EM  
CUIPIRANGA".**

Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Antropologia  
com objetivo de obter aprovação na disciplina TCC-3, e obtenção  
de grau de Bacharelado em Antropologia na Universidade Federal  
do Oeste do Pará.

Conceito: 10,0

Data de Aprovação 8 / 4 / 2019

*Florêncio Almeida Vaz Filho*

PRESIDENTE: Prof. Dr. Florêncio Almeida Vaz Filho  
Universidade Federal do Oeste do Pará

*Lucybeth Camargo de Arruda*

AVALIADOR(A): Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lucybeth Camargo de Arruda  
Universidade Federal do Oeste do Pará

*Luciana Gonçalves de Carvalho*

AVALIADOR(A): Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciana Gonçalves de Carvalho  
Universidade Federal do Oeste do Pará

**Dedico este trabalho a todos os cabanos e cabanas silenciados.  
Que sua coragem e resistência continuem inspirando os povos da Amazônia!**

## **Agradecimentos**

Agradeço em primeiro lugar ao cosmo e a todas as minhas ancestrais que emanaram energias positivas durante esta caminhada.

De forma especial, agradeço a minha mãe Irene Santos, que nunca mediu esforços para a realização dos meus sonhos. Por todas as vezes que vibrou e apoiou incondicionalmente minhas decisões. Sair de casa para estudar só fez sentido, porque além de uma mãe maravilhosa, convivi com uma professora que ama o que faz e acredita na educação como um caminho transformador. Agradeço também por ter me ensinado a voar e por sempre ter sido a mulher mais inspiradora da minha vida.

Ao meu orientador Florêncio Vaz por ter confiado em mim e no meu trabalho. Os três anos dessa parceria foram muito enriquecedores para minha vida pessoal e acadêmica. Agradeço por todo carinho, conversas e ensinamentos.

Ao projeto e programa de rádio A Hora do Xibé do qual fiz parte e tenho muita admiração. Sou grata a todas as viagens de campo nas aldeias indígenas, comunidades quilombolas e ribeirinhas. Agradeço a incrível experiência de ser apresentadora na rádio e principalmente por ter feito parte de um projeto que me ensinou a ter orgulho da cultura, saberes e identidades dos povos da Amazônia.

Agradeço aos membros mais antigos desta equipe e que me receberam de braços abertos: Vera Lopez, Selma Corrêa, Jaime Mota e aos demais que daqui pra frente seguirão com este lindo programa/projeto.

A minha amiga Bruna Vaz, que durante os últimos quatro anos vem sendo uma incrível companheira de leituras, trabalhos, desafios, tristezas e alegrias. Que possamos continuar compartilhando sonhos e muito afeto nessa nova jornada de nossas vidas.

A minha irmã Carla Santos e a minha amada sobrinha Marina Monteiro por quem tenho todo o amor do mundo.

Ao meu irmão Igor Santos por ter me ouvido nos momentos de desespero e por toda complicidade que temos em meio a tantas diferenças.

Aos meus tios Pedrina Silva e Carlos Alberto por terem sido a minha segunda família em Santarém e as minhas primas, Greicy, Leda, Glaucy, Amanda e Cassiane.

Gratidão a Fabiane Corrêa por todas as vezes que me acompanhou no campo e me ajudou a coletar material para a pesquisa.

Aos amigos Felipe Bandeira, Carlos Bandeira (Macarrão), Carlyle Martins e Karo Munduruku pelo apoio.

Aos incríveis professores do PAA, que me ajudaram a chegar até aqui. Em especial, a Luciana Carvalho e Lucybeth Arruda por quem tenho total admiração.

Por último e não menos importante, sou extremamente grata aos moradores da comunidade de Cuipiranga por terem me recebido e me acolhido tão bem em suas casas. Agradeço por terem me ouvido e principalmente por terem aceitado falar de suas histórias e memórias cabanas.

## RESUMO

A Guerra da Cabanagem foi a maior revolta popular já vista na história da Amazônia brasileira. Protagonizada por índios, negros, mestiços e de maneira geral, pela população pobre desta região, ela iniciou em 1835 e terminou em 1840. Nos últimos anos, descobertas dessa história continuam estimulando novos estudos, em especial, acerca da comunidade de Cuipiranga. Localizada a margem esquerda do rio Arapiuns, Cuipiranga foi o maior reduto dos cabanos no Baixo Amazonas na época da Guerra. Esse passado que durante décadas a historiografia tentou silenciar vem se mostrando cada vez mais revelador, sobretudo depois que os primeiros estudos mostraram que além de possuir importância histórica, Cuipiranga era memória viva dos moradores que ali residem. Atualmente, a comunidade promove os “Encontros da Cabanagem”, que busca rememorar a luta, coragem e resistência dos cabanos. Nesse sentido, estes Encontros tem demonstrado que a Cabanagem é uma fonte de inspiração para os comunitários que se identificam como os descendentes legítimos dos cabanos.

**Palavras – chave :** Encontros da Cabanagem; Cuipiranga; Memória; Identidades.

## ABSTRACT

The Cabanagem War was the greatest popular revolt ever seen in the history of the Brazilian Amazon. Started by Indians, blacks, mestizos and in general, by the poor population of this region, it began in 1835 and ended in 1840. In the last years, discoveries of this history continue stimulating new studies, in particular, on the community of Cuipiranga. Located on the left bank of the Arapiuns River, Cuipiranga was the largest stronghold of the cabanos in the Lower Amazon at the time of the War. This past that historiography tried to silence for decades has become increasingly revealing, especially after the first studies showed that besides being of historical importance, Cuipiranga was a living memory of the residents who live there. Currently, the community promotes the "Cabanagem Encounters", which seeks to recall the struggle, courage and resistance of the cabanos. In this sense, these Meetings have shown that Cabanagem is a source of inspiration for community members who identify themselves as the legitimate descendants of cabanos.

**Key words:** Cabanagem meetings; Cuipiranga; Memory; Identities.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO I .....</b>	<b>11</b>
1.1 Revolta da Cabanagem: versões enraizadas na historiografia .....	11
<b>CAPITULO II .....</b>	<b>17</b>
2.1. (Re) descobrindo Cuipiranga .....	17
2.2 Cuipiranga: um lugar de histórias e memórias .....	19
2.3 Os Encontros da Cabanagem .....	26
<b>CAPITULO III .....</b>	<b>36</b>
3.1 Memória social e a emergência de identidades .....	36
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	
<b>ANEXOS .....</b>	

## INTRODUÇÃO

A única e mais emblemática revolta popular que aconteceu na Amazônia brasileira ficou conhecida como a Guerra da Cabanagem. Protagonizada por índios, negros e mestiços, a Cabanagem iniciou em 1835 e terminou em 1840. Conforme Prado Junior (1933), em sentido mais amplo, a revolta pode ser considerada um dos mais, senão o mais notável movimento popular do Brasil.

Nos últimos anos, descobertas dessa história vem estimulando diversos estudos sobre o tema, principalmente acerca da *comunidade*<sup>1</sup> de Cuipiranga. Distante 3 horas de barco da cidade de Santarém, Cuipiranga fica localizada a margem esquerda do rio Arapiuns no ponto em que ele se encontra com o rio Tapajós, com acesso pro rio Amazonas. Embora camuflada pela historiografia oficial, alguns estudos recentes (LIMA, 2008; HARRIS, 2010; PANTOJA, 2010; MELO, 2015) tem demonstrado a importância histórica e simbólica desse lugar.

Para o antropólogo Mark Harris (2010) o local foi o principal forte dos cabanos no interior da região depois de Belém. Amorim (2016) também ressalta que apesar de sua descoberta como palco da Cabanagem ter sido muito recente, Cuipiranga foi sem dúvida o maior centro de resistência cabana no Baixo Amazonas.

Apesar de existir uma significativa literatura a respeito da Cabanagem no país (PRADO JUNIOR, 1933; DI PAOLO, 1986; CHIAVENATO, 1984, entre outros), a produção acadêmica já consolidada, com poucas exceções, quase não abordou a revolta da Cabanagem na região do Baixo Amazonas. Segundo Harris (2010) a importância fundamental de Cuipiranga se perdeu em virtude da visão de uma rebelião dominada por Belém, com apoio marginal do interior. Mas, também, podemos entender essa interpretação como parte de um processo maior de disputas políticas e territoriais na Amazônia, onde a história local e seus agentes quase sempre foram esquecidos.

De acordo com Magda Ricci (2006), durante os dois últimos séculos o povo da Amazônia se tornou quase invisível fora da região norte, vista como “um território a ser

---

<sup>1</sup> A palavra comunidade para denominar os povoados do Baixo Amazonas é recente, fruto do trabalho da catequese rural da Prelazia de Santarém, a partir da década de 60 do século XX (VAZ FILHO, 2010). Uma comunidade é a reunião efetiva de um grupo de famílias na zona rural, realizando cultos religiosos semanais, festas, trabalhos e outras atividades coletivas, coordenadas por líderes eleitos entre seus membros.

‘integrado’, ocupado e desenvolvido de fora para dentro, por projetos grandiosos de colonização, mineração, agricultura ou de exploração madeireira” (RICCI, 2006, p. 30).

O meu interesse pelo estudo da Cabanagem iniciou no ano de 2016, quando conheci o antropólogo Florêncio Vaz Filho e comecei a fazer parte voluntariamente do projeto de extensão que ele desenvolve na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), “A Hora do Xibé”.<sup>2</sup> Dois meses depois, passei a ser bolsista de um plano de trabalho que também fazia parte de uma das linhas de pesquisa do projeto que se chamava “Memórias da Cabanagem”. Meu objetivo era coletar narrativas a respeito das memórias que os moradores de Cuipiranga e região tinham sobre a Guerra dos cabanos.

Antes disso e até mesmo antes de ingressar na Ufopa em 2014, eu pouco ouvi falar sobre a Cabanagem e não sabia explicar o que ela significava. Minhas últimas e talvez únicas referências sobre este tema eram as vagas lembranças das aulas de Estudos Amazônicos no ensino fundamental e que em nada me chamavam atenção.

Iniciando meus primeiros passos na antropologia e no que Malinowski (1976) chamou de “Observação participante”, minha chegada no campo foi um ritual tranquilo. Como os moradores já conheciam o professor Florêncio e mantinham contato com ele em decorrência dos “Encontros da Cabanagem” que descreverei mais adiante, não precisei vivenciar nenhuma situação inusitada como as aventuras narradas por Clifford Geertz (1989) em Bali. Cheguei e a primeira coisa que ouvi foi: “É a menina do Xibé”.

Na praia, estavam a minha espera e de mais dois voluntários do Xibé que foram comigo, o Seu Cláudio (Coruja) e seu Antônio (Americano). Na época, os dois eram as lideranças da comunidade e já sabiam que eu estava indo para entrevistá-los sobre suas memórias cabanas. Assim, fomos bem recepcionados e em seguida levados para conhecer D. Inês, uma senhora que morava sozinha e que iria nos hospedar em sua casa. Amável e muita atenciosa, D. Inês me deixou lembranças muito boas da minha primeira vez em campo. Atualmente, por motivos de saúde ela teve que ir morar com uma de suas filhas em Manaus.

Após o primeiro contato e os primeiros dados coletados junto à comunidade, o estranhamento se fazia presente: estava de frente com uma história que eu não conhecia. Entretanto, a medida que eu me interessava pelas narrativas dos interlocutores, crescia

---

<sup>2</sup> A Hora do Xibé é um projeto de extensão que tem como objetivo valorizar e divulgar as culturas, linguagens, saberes e identidades dos povos da Amazônia, especialmente dos moradores do Baixo Amazonas. Como parte de suas atividades de extensão, seus resultados são divulgados no programa rádiofônico que também tem o mesmo nome, veiculado na Rádio Rural de Santarém.

em mim o desejo de conhecer ainda mais o lugar que aparece - ainda discretamente - como o principal reduto de resistência cabana no Baixo Amazonas.

O Encontro da Cabanagem, é um evento promovido pela comunidade de Cuipiranga desde 2011. A primeira vez que eu participaria, seria em 2017, mas nesse ano a comunidade não promoveu o evento devido ao falecimento de D. Rosilda Branches, uma “velha cabana” muito ativa no movimento. Com a comunidade em luto, o VIII Encontro aconteceu somente na cidade de Santarém com palestras, roda de conversas e exibição de documentário. E, mesmo sem ter participado do evento em Cuipiranga, percebia que os Encontros demonstravam que a Cabanagem permanecia uma fonte de inspiração para os atuais moradores.

Nesse sentido, o campo também foi um caminho de descobertas tanto como pesquisadora, como habitante da região amazônica. Ressalto que desenvolver pesquisa sobre a Cabanagem nunca foi algo dos meus sonhos. Afirmo ainda que eu fazia parte de um grande grupo de moradores da região que não conhecia a própria história e a história da Amazônia. No campo também descobri que longe de ter ficado no passado, a Cabanagem permanecia viva nas lembranças e memórias dos moradores que se dizem descendentes dos cabanos.

Diante disso, neste trabalho, analiso os reflexos que os comunitários tiveram na vida em comunidade e algumas percepções sobre o que eles entendem a respeito da Cabanagem. Também proponho pensar os pontos positivos e negativos da (re)valorização das memórias em Cuipiranga e que se observou durante o trabalho de campo. Por fim, entender quais foram as motivações que fizeram esta comunidade reconhecer sua descentência cabana.

É a partir dos Encontros da Cabanagem em Cuipiranga, e entendendo que eles fazem parte da *mobilização* das memórias dos moradores, que pretendo possibilitar novas discussões e interpretações de um ponto de vista antropológico e que se baseia sobretudo no campo da memória social.

## CAPITULO I

### 1.1 Revolta da Cabanagem: versões enraizadas na historiografia

Historicamente, a Amazônia tem sido alvo de inúmeros projetos que tentam invisibilizar a existência de seus povos, grupos e populações tradicionais. A origem deste processo está na ideia de que a região é apenas um meio de acumular riquezas por meio da exploração de seus recursos naturais. Segundo Bertha Becker (2005), no auge das décadas de 1960 a 1980 a Amazônia passou por profundas transformações estruturais acerca do que ela denomina de “mercantilização da natureza”. Com efeito, temos observado o avanço significativo no que diz respeito aos “grandes projetos” pensados pra Amazônia brasileira, como: hidrelétricas, mineração, madeireiras etc. É nesse contexto, de entender a região como um “produto”, que as populações indígenas, ribeirinhas, quilombolas e outras, representariam o atraso do “desenvolvimento” do país.

A invisibilidade dessas populações e, sobretudo de sua atuação política frente a esses empreendimentos, aparece como mais uma tentativa de silenciar o protagonismo dos povos que habitam a Amazônia e que vem lutando contra o seu desaparecimento, perda de seu território, saberes, culturas etc. Para iniciar essa discussão, tomo como referência a maior revolta popular da Amazônia brasileira, conhecida como a Guerra da Cabanagem (1835-1840) e que por muitos anos foi camuflada pela historiografia oficial.

Como resultado desse silenciamento destaca-se que a primeira vez que a Cabanagem apareceu para o grande público<sup>3</sup> como revolta popular foi quase cem anos depois de seu término na obra de Caio Prado Jr. “Evolução Política do Brasil” (1933). Vale ressaltar que antes dessa publicação, que posteriormente se tornou o grande marco para novas interpretações, o que observávamos era uma forte aversão contra os rebeldes.

No trabalho do historiador amazonense Luís Balkar intitulado “Visões da Cabanagem” (2001), ele traz uma análise histórica de como versões negativas construíram o que por muito tempo conhecemos sobre a revolta dos cabanos.<sup>4</sup> De acordo com Balkar é possível perceber tal construção a partir de três movimentos diferentes. O primeiro conjunto de obras que foi produzido ao longo do século XIX, baseado em três

---

<sup>3</sup> Me refiro aqui a obras de autores do sudeste, pois na bibliografia regional já existia trabalhos que interpretavam a Cabanagem como “revolução”. Ver por exemplo Di Paolo, 1835.

<sup>4</sup> Cabano era o termo utilizado para se referir aos homens que moravam em casas simples, cobertas de palha. Ou seja, pequenas cabanas.

tipos de materiais: os “compêndios” de História Pátria; os relatos de viajantes estrangeiros; e a obra emblemática de Domingos Antônio Raiol. No segundo conjunto de obras sobre a Cabanagem, ele menciona alguns trabalhos realizados por toda uma geração de historiadores pertencentes às “lides” do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), principalmente a partir de 1936. O terceiro conjunto de trabalhos é representado, segundo Balkar, por interpretações “críticas” do movimento, quase sempre vinculadas a intelectuais ditos de “esquerda”.

Ao analisar estes três conjuntos de trabalhos produzidos sobre a Cabanagem pela historiografia, ele aponta fatores que contribuíram com a criação das visões sobre a revolta, além de demonstrar que o objetivo principal desses escritos estava pautado em não atribuir um papel de protagonismo aos cabanos. Balkar menciona ainda que por séculos a profissão de historiador, inclusive no Brasil, foi quase exclusivamente desempenhada por políticos, burocratas e intelectuais que reproduziam o pensamento das elites do país. Assim, era natural que os trabalhos fossem pautados na opinião de membros do Império, por sua vez contrários a Cabanagem.

No primeiro conjunto, a obra de Raiol “Motins Políticos” aparece como o primeiro grande trabalho que vai se debruçar de forma densa sobre a Cabanagem. Para Balkar, os escritos de Raiol apresentam uma metodologia de investigação séria e suas conclusões são o resultado de mais de trinta anos de pesquisa nos arquivos do Pará e Rio de Janeiro. Além disso, preocupado em documentar sua narrativa, Raiol anexou um grande corpo documental para que este sustentasse suas afirmações e análises, que seguindo as ideologias dos textos oficiais, eram carregadas de juízo de valor contra os cabanos. Ele foi sem dúvida o autor mais famoso daquele período.

É pertinente ressaltar a influência que a sua trajetória na carreira política teve em seus trabalhos. Isto é, considerar as visões de um autor que pertencia a elite do país e buscava colaborar com ela. Em sua análise sobre os escritos de Raiol, Balkar destaca: “quando Raiol adjetiva o movimento de “motim” e não, por exemplo, de revolta popular ou revolução, fica patente que ele quer atribuir uma valorização específica, claramente minimizada em importância política e social” (p.54). Veemente contrário ao movimento cabano, Raiol e seus escritos ganharam destaque na tradição historiográfica pós-Cabanagem, especialmente pela empatia e credibilidade que a intelectualidade regional vinculou à sua obra.

No segundo conjunto, Balkar faz referência aos historiadores que fizeram parte do IHGP, sendo o grupo que mais produziu trabalhos sobre o tema na época. Ele afirma

que o surgimento do Instituto paraense ocorreu nos últimos anos do século passado por sugestão do próprio governo do Estado do Pará que o entendia como órgão necessário para coordenar os eventos relacionados à comemoração do quarto centenário do descobrimento do Brasil. Na mesma época, deu-se início também o surgimento de um discurso regional, que buscava valorizar os eventos locais. Essa perspectiva acreditava que o enfoque regionalista comprovaria sua relevância na construção da memória nacional.

Apesar de reconhecer a grande contribuição dos trabalhos realizados pelos historiadores do Instituto, Luís Balkar critica as amarras que ainda persistiam nesses trabalhos. Para ele, os autores continuavam herdeiros de uma visão aristocrática do movimento cabano, partilhando de fortes preconceitos de cor e classe.

O intérprete que mais ganhou visibilidade ao analisar o movimento cabano foi Jorge Hurley. Foi ele que em 1936 organizou os festejos em Belém para comemorar o centenário do movimento. Dentre seus objetivos aparece a restauração da imagem do cabano, que até aquele momento continuava predominantemente negativa. Segundo Balkar “Foi a partir de verdadeiros malabarismos discursivos, que a imagem do cabano insurreto, cruel e bárbaro foi paulatinamente cedente espaço e transformando-se em um produto novo, visível nas abordagens de Hurley (...)” (p.75).

Mesmo reconhecendo o surgimento de novas representações do cabano após os trabalhos de Hurley, Luís Balkar afirma que os historiadores que seguiram em sua linha, empregavam o termo “cabano” de forma genérica, assumindo que os “verdadeiros” cabanos eram os pequenos e médios proprietários de terra. Os índios, negros e mestiços, na melhor das hipóteses, eram reconhecidos pela valentia, mas terminavam como meros figurantes dos verdadeiros líderes do movimento. Assim, as representações da Cabanagem continuavam excludentes.

No terceiro e último conjunto de trabalhos analisados (numericamente pequeno de produções), Balkar concentra as atenções à publicação de Caio Prado Jr, mencionada no início deste capítulo. Para ele, foi nesta obra que se fincaram as bases argumentativas para novas abordagens acerca da Cabanagem. Como os intelectuais deste conjunto vinham geralmente de uma tradição associada ao marxismo, ele enfatiza que o ponto notável da obra de Prado Jr. foi ter explicitado a intenção de pensar a história do movimento cabano sob a ótica de luta de classes, evidenciando de forma positiva o papel das camadas populares nesse processo. Além disso, conforme destaca, a partir daí passou

a ser mais coerente uma explicação que também se referisse as atitudes opressoras dos setores políticos e economicamente dominantes.

Para ilustrar, destaca-se a citação de Prado Jr. que se tornou ponto chave de sua obra ao se referir à Cabanagem e que é responsável pelo início de uma virada histórica de pensamento sobre o movimento cabano no país.

Um dos mais, senão o mais notável movimento popular do Brasil. É o único em que as camadas mais inferiores da população conseguem ocupar o poder e toda uma província com certa estabilidade. Apesar de sua desorientação, apesar da falta de continuidade que o caracteriza, ficou contudo a glória de ter sido a primeira insurreição popular que passou de simples agitação para uma tomada efetiva de poder (PRADO JUNIOR, 1933, p.77.)

Como observamos, o “povo” começa a ser descoberto sob o prisma da luta de classes. No entanto, a incorporação das “massas” à história foi feita sem que lhes reconhecesse autonomia, muitas vezes atribuindo-lhes funções puramente numéricas no interior do movimento. Entretanto, mesmo com esta crítica, não se pode ignorar o que o próprio Balkar reconheceu “onde antes havia o silêncio, agora havia a constatação de que os segmentos sociais marginalizados existiam, eram muitos e estiveram presentes na revolta” (p.93).

As interpretações de Prado Jr. podem ser, sem dúvida, consideradas como as primeiras análises “críticas” da Cabanagem, em que o povo começa a ter lugar de destaque. Ainda que tenha limitado-se a uma releitura teórica, dentre outras questões, como a ausência de uma compreensão sobre o movimento cabano em suas próprias dimensões, Luís Balkar não menospreza o papel revitalizador que o trabalho de Prado Jr. trouxe para a desconstrução da imagem de um cabano bandido, cruel e assassino. Com efeito, a nova tradição de historiadores passou a enxergar cada vez mais os grupos antes marginalizados.

A historiadora Magda Ricci (2006) também analisou esse movimento literário sobre a Cabanagem. Para ela, ao longo dos anos 1920 e 1930, delinearam-se outras histórias e o movimento cabano foi ganhando outros sentidos.

Houve quem o percebesse como uma guerra de Independência tardia, ou mesmo como um movimento nacionalista. Neste contexto, os cabanos deixaram de ser tratados como “malvados” e “sediciosos”, para se tornarem “patriotas”, conceito entendido como cidadãos adeptos da “causa brasileira”. Nascia uma linha positiva e de continuidade nacionalista entre o processo de emancipação política no Pará e o

movimento cabano. Em pleno momento de comemoração do centenário da Independência brasileira, os intelectuais na Amazônia e no Brasil reinventaram esta história pátria (RICCI, 2006, p.8).

Embora mudanças positivas tivessem ocorrido no cenário histórico da Cabanagem, Luis Balkar observou que a maioria dos estudos continuaram com posturas conservadoras, relegando aos cabanos e aos populares em geral, uma “bestialização” que seguiu aparecendo em interpretações excludentes ao longo da história do país. Essas posturas passaram a demonstrar a dificuldade dos historiadores em reconhecer o “povo” através de sua atuação política e autônoma.

Diante dessa releitura histórica, o trabalho de Balkar faz parte de um dos mais importantes conjuntos de estudos contemporâneos sobre novos olhares acerca da bibliográfica da Cabanagem (DI PAOLO, 1985; SANTOS, 1985; RICCI, 2006; LIMA, 2008; HARRIS, 2010; PANTOJA, 2010; MELO, 2015; VAZ FILHO, 2016). Antes de apenas ilustrar as visões que dela foram criadas, ele se preocupou em destacar os principais autores e obras que serviram de base referencial aos estereótipos negativos relacionados ao movimento cabano e que por tanto tempo foram assimilados pelos próprios sujeitos da Amazônia. Ao fazer críticas a todos estes escritos consolidados na historiografia, Balkar nos instiga a refletir e, sobretudo a buscar novas interpretações sobre a história da Cabanagem em outras perspectivas.

Carlo Ginzburg (1989) já chamava a atenção para o perigo de analisar os fatos sob um único prisma. Como investigadores, precisamos estar atentos aos dados que normalmente são negligenciados e relegados ao esquecimento. Nesse mesmo caminho, análises recentes do antropólogo Florêncio Vaz Filho (2011) apontam que, embora visões distorcidas sobre a nossa história permaneçam presentes no atual contexto amazônico, nos últimos anos existe por parte de seus habitantes, uma busca cada vez mais intensa pelas suas origens e pela sua história, enquanto fazendo parte de um território e uma região muito particular.

Partindo dessa perspectiva, é possível dizer que o cenário sobre a história da Cabanagem vem mudando gradativamente. Letícia Barriga (2014) afirma, que a memória cabana vem sofrendo uma série de releituras no decorrer dos seus quase 180 anos. Para ela “A imagem do cabano se apresenta na historiografia em um movimento de contínua mudança, numa mobilidade que acompanha as transformações contextuais e teóricas de cada leitura de época” (p.121). Assim, de acordo com a autora, a historiografia da

Cabanagem, apresenta em sua construção mudanças teórico-metodológicas correspondentes aos contextos históricos distintos em que foram produzidas.

E é nesse processo de novas releituras e mudanças de contextos históricos e políticos, que se percebe o movimento cabano como uma revolta popular que representou a luta, a resistência e a identidade de índios, negros, mestiços e de maneira geral da população pobre da Amazônia contra as formas de dominação as quais foram impostas.

Por outro lado, o que observamos na historiografia da Cabanagem é uma imagem que minimiza a revolta popular cabana e, principalmente que busca construir um esteriótipo negativo do cabano. Observamos também que estes primeiros trabalhos aparecem voltados aos interesses da época, que se desempenhava em manter o poder da Província. Devido a isso e ao próprio controle das informações, supõem-se que muitos desdobramentos e outras possíveis visões dessa história foram silenciadas, restando para as gerações futuras uma Cabanagem descrita a partir de um único ponto de vista, que não é a narrativa dos excluídos.

Diante dessas reflexões, coloco minha própria inquietação enquanto pesquisadora: o que afinal ficou de fora desse material bibliográfico? Sem dar certeza, acredito que muitas outras interpretações sobre o que foi a complexa Guerra cabana. O que posso afirmar, no entanto, é que além de uma documentação importante e fundamental para novas pesquisas, o que a literatura oficial nos deixou foram perguntas sem respostas, lacunas e numerosas dúvidas.

A ausência de informações marginalizadas por exemplo, fez com que um dos principais *fortes* desse combate – o lugar que hoje é chamado de Cuipiranga e ponto central deste trabalho – aparecesse em raras referências em livros de história (DUTRA, 2009).

Apresentarei agora, uma breve cronologia das principais obras que tiveram destaque no atual cenário da Cabanagem, para nos ajudar a entender como Cuipiranga virou foco de atenção nos últimos anos.

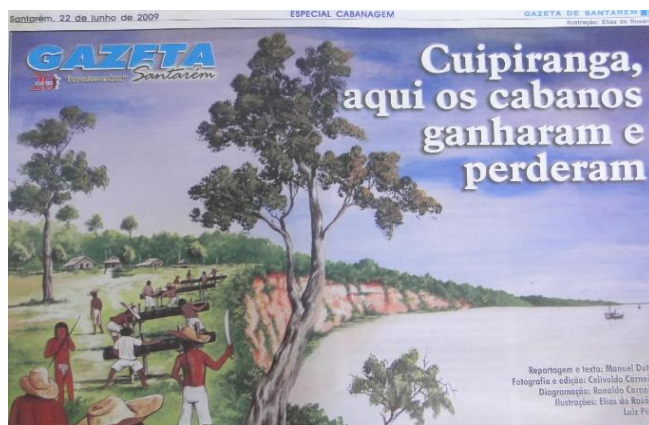
## CAPÍTULO II

### 2.1 (Re) descobrindo Cuipiranga

Antes de apresentar o recorte das principais obras que impulsionaram os estudos à comunidade de Cuipiranga, quero chamar atenção para o título desta sessão. Acredito que, o que mais traduz o processo de reconhecimento histórico e simbólico da comunidade enquanto “identidade cabana” é a sua “redescoberta” e não descoberta, partindo do fato de que a comunidade existia e inclusive reivindicava a reconstrução da história da Cabanagem muito antes dos primeiros pesquisadores iniciarem suas investigações. Portanto, a preocupação é apenas para não criar a falsa ideia de um descobrimento. Até porque, como mencionei acima, Cuipiranga já aparecia há muito tempo nos livros de história e como veremos, esse foi um dos motivos que aguçaram a curiosidade e impulsionaram moradores deste local a procurar pela história da sua comunidade.

Sem entrar nos detalhes de cada trabalho, destaco aqueles que mais representam essa nova versão bibliográfica da Cabanagem no Baixo Amazonas. Em 2008, o antropólogo Leandro Mahalen de Lima apresentou sua dissertação de mestrado (USP), “Rios Vermelhos”, onde enfatiza acontecimentos ocorridos no baixo Amazonas relacionados à Cabanagem.

Em 2009, foi lançado no jornal *Gazeta de Santarém*, um caderno especial sobre a Guerra dos cabanos, dando destaque a comunidade de Cuipiranga e as memórias de seus atuais moradores. Segundo Vaz Filho (2016) foi a partir desse material que trouxe textos de especialistas com informações atualizadas em linguagem acessível, além de ilustrações e fotografias dos moradores daquele local, que muitas pessoas da comunidade passaram a manifestar abertamente um orgulho de ser descendente dos cabanos. Essa publicação do jornal é bem significativa e até hoje lembrada pelos moradores. Talvez, por verem a si mesmos em uma reportagem ou quem sabe pela forma que Cuipiranga passou a ser conhecida a partir dali. O exemplar que tenho, por exemplo, foi presente de uma comunitária, que me deu na primeira vez que fui fazer trabalho de campo lá.



**Figura (1):** Capa do Jornal

**Fonte:** Caderno especial “Gazeta de Santarém”. 2009.

O antropólogo escocês Mark Harris, que em 2010 lançou o livro “Rebellion on the Amazon”, traduzido recentemente para o português, também traz informações das ações dos rebeldes à época da guerra, com destaque para a vida cotidiana em Cuipiranga. Nesse trabalho, o sétimo capítulo é dedicado especialmente ao que ele denominou de “Acampamento dos Brasileiros Reunidos”, fazendo referência a comunidade de Cuipiranga.

Harris começou a desenvolver pesquisa na região desde 1992 se tornando um dos principais estudiosos contemporâneos da Cabanagem. Neste capítulo, ele inicia a discussão chamando atenção para a descrição encontrada no dicionário histórico e geográfico do novo Império do Brasil, que dizia “Cuipiranga: Forte brasileiro, nas margens do Amazonas”. Essa descrição é no mínimo curiosa, principalmente se levarmos em consideração que existiam fortes apenas em cidades estratégicas. Além disso, o fato de Cuipiranga (Ecuipiranga ou Icuipiranga) não ter sido mencionado em dicionários posteriores, certamente causa estranheza. Portanto, qual era a condição desse forte em particular? Por que menciona-lo?

Segundo o antropólogo, apesar de não se encontrarem referências sobre o lugar, antes da década de 1830, o termo deve ter sido usado anteriormente. Ele acredita no entanto, que “A importância fundamental de Ecuipiranga perdeu-se em virtude da visão de uma rebelião dominada por Belém, com apoio marginal do interior” (p.274). Todavia, baseando-se em relatos de observadores e nos dos próprios comandantes oficiais, Harris não tem dúvidas de que Cuipiranga, ou Ecuipiranga como ele se refere, foi de fato o maior e bem mais sucedido reduto da Cabanagem no interior.

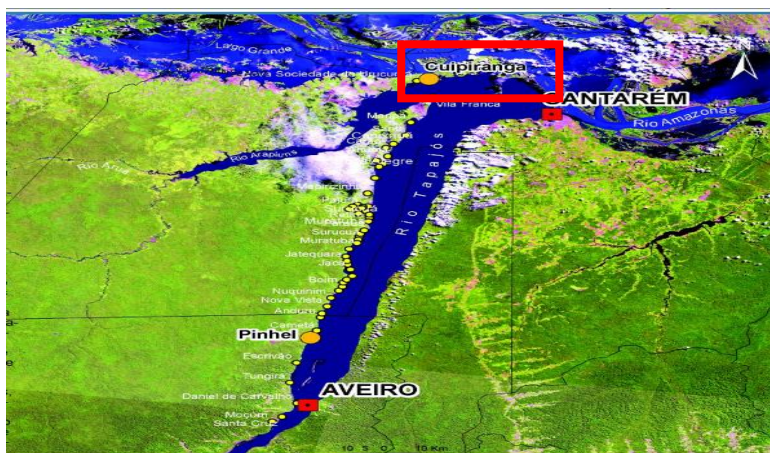
A historiadora Ana Renata de Lima Pantoja, defendeu a tese de doutorado (UFPA) “Terra de Revolta” (2010), que cita novamente os cabanos de Cuipiranga como

experiências de resistência política no Baixo Amazonas. O trabalho da autora paraense deu um novo olhar para os estudos recentes sobre Cuipiranga, enfatizando a importância do camponês da Amazônia.

Me parece, que não há mais dúvidas de que Cuipiranga foi um lugar muito significativo na época da Cabanagem, mas o ponto de partida é entender o que a comunidade significa hoje. Cuipiranga, que até 2009 não passava de um pequeno vilarejo no interior da Amazônia com algumas poucas referências nos livros de história, ganha um novo sentido após a publicação destes trabalhos.

O que vimos foi o começo de um processo que entende a importância de Cuipiranga como lugar significativo da história da Cabanagem no Baixo Amazonas. Mas nossas discussões são outras. A cortina que encobria a Guerra da Cabanagem já caiu. Precisamos olhar agora para o presente etnográfico que se configura na comunidade após seu redescobrimto.

## 2.2. Cuipiranga: um lugar de histórias e memórias



**Figura (2):** Mapa da localização de Cuipiranga  
**Fonte:** Caderno especial “Jornal Gazeta de Santarém”, 2009.

Como demonstra o mapa acima, Cuipiranga é uma comunidade que fica localizada a margem esquerda do rio Arapiuns, no ponto em que ele se encontra com o rio Tapajós e com acesso por terra para o rio Amazonas.

Atualmente a comunidade tem 67 pessoas, entre idosos, crianças e adolescentes, totalizando aproximadamente de 15 a 20 famílias.<sup>5</sup> O principal meio de subsistência é a

<sup>5</sup> Esta informação não é precisa e foi baseada em cruzamentos de dados realizados por mim.

pesca, agricultura e o extrativismo de junco (para a produção de esteiras). Esse último que já foi a principal fonte de renda dos moradores, vem se tornando algo secundário na economia devido a baixa procura nos últimos anos e devido ao junco ter desaparecido do lago. Por isso, o que mais predomina são pequenas plantações de uso próprio como por exemplo, a mandioca e a aposentadoria dos idosos.<sup>6</sup>

Em entrevista com Ana Lúcia Sousa de Oliveira, 48 anos, atual presidente da Associação de Moradores, Trabalhadores, Agroextrativistas de Cuipiranga (ASMOAC), ela contou como foi a criação desta entidade na comunidade e, sobretudo as motivações, que desde o início estão diretamente relacionadas com a história da Cabanagem. Voltarei a este ponto mais adiante.



**Figura (3) e (4):** Entrevista com Ana Lúcia.  
**Fonte:** Tarcila Mesquita, 2019.

Ana Lúcia está no seu terceiro mandato. O primeiro foi em 2005, o segundo em 2017 e o terceiro em 2018 e que irá encerrar em julho de 2019. Ela nasceu na comunidade, mas saiu de lá muito jovem para continuar os estudos em Santarém. Apesar disso, quando retornou a Cuipiranga, participou de todo o processo de criação da Associação. Durante a nossa conversa percebi que Ana Lúcia foi uma das tantas crianças que tinha curiosidade e interesse pela história da sua comunidade:

Assim... eu fui aluna até o ensino médio... e eu via que a minha família morava aqui. Eu morava em Santarém, estudava em Santarém, porque na época não tinha escola pra ensino médio aqui. Mas nasci aqui, meus documentos comprovam que eu nasci aqui. E eu gostava muito de vir

<sup>6</sup> Dados coletados na Associação de Moradores de Cuipiranga em março de 2019.

pra cá, e pouca coisa que eu lia lá eu quase não achava, só dizia que aqui tinha acontecido uma coisa de leve, nunca tinha uma denominação. E um dia, num trabalho de pesquisa na escola, se falava desse processo de Cabanagem né? (...) eu li um livro, pesquisei e voltei aqui e minha mãe contou alguma coisa semelhante a esse lugar e eu fiquei com aquilo, que falava dessa história daqui, mas assim, muito vago. Quando eu terminei o ensino médio, vim pra cá, conversando com algumas pessoas (...) e elas sempre contavam a mesma coisa. (Entrevista realizada no dia 9 de março de 2019).

Tal como Ana Lúcia, muitos outros moradores tinham o mesmo interesse em descobrir o que eram “aquelas coisas” que tinham acontecido em Cuipiranga, mas que seus pais e avós não falavam ou tinham medo de falar. Seu Dailson Ferreira, por exemplo, acredita que havia algum segredo por trás disso:

Eu sou Dailson José Sousa Pinto Ferreira, moro aqui no Cuipiranga e já tô com 67 anos. Eu não sei contar [histórias sobre a Cabanagem], porque o meu pai e os meus avós eles não contavam. Eu acho que tinham um segredo dessa história aí, porque eles não contavam (...) mas realmente aconteceu isso aqui. (Entrevista realizada em 17 de julho de 2016).

Outra explicação que os moradores procuram dar a essa ausência de informações mais precisas do que ocorreu na comunidade, está relacionada ao fato de que naquele tempo, “assunto de gente grande, não era coisa de criança”. Pantoja (2010) que também realizou pesquisa em Cuipiranga se deparou com a mesma realidade.

Ao falar de seus pais e avós, muitos moradores dizem ter ouvido bastante sobre “coisas de antigamente”, “coisas da história”, “do passado”, “daquela época”. Conhecem e contam geralmente por meio do que falaram os mais velhos. Ressaltam que a respeito do que seriam “as coisas deles”, que pode ser entendido como “coisa de gente grande”, alguns dos parentes mais velhos não permitiam, em hipótese alguma crianças se abancarem por perto (PANTOJA, 2010).

Retomando a entrevista com Ana Lúcia, ela contou que a comunidade foi registrada em 2005<sup>7</sup> e que a partir desse ano Cuipiranga começou a se expandir. “Ela já existia sim com o povo antigo, mas, assim, era um lugarzinho que ninguém dava aquela importância, não dava valor pra um lugar que tem uma história mesmo que seja trágica, mas uma história que é parte do nosso Brasil”. Conforme seu relato, esse registro da comunidade partiu por iniciativa dos moradores que queriam uma “melhoria”.

---

<sup>7</sup> O registro foi feito na Prefeitura Municipal de Santarém.

Quando eu resolvi vir pra cá já em 2003, (...) cheguei aqui e encontrei um povo que tava tentando querer que o seu local, a sua comunidade (...) tivesse um reconhecimento. Eles queriam uma melhoria, melhoria é a palavra que eles usam. Melhoria... tá. Melhoria do que? Pra quê? A gente não tem nada, a gente precisa disso, a gente precisa daquilo e daquilo outro... Foi ai então que criaram [o documento]. Eu pouco participei, não nego, dos estudos pra criação da associação né (...). Quando chegou o momento de eu ser convidada pra estar com eles aí numa conversa. Foi tudo muito rápido. Eles precisavam de pessoas que tivessem um ânimo, assim, um pouquinho de conhecimento pra conseguir acertar os caminhos como chegar pra reconhecer um documento. (Entrevista realizada em 9 de março de 2019).

É interessante destacar que essa busca por “melhorias” aparece como principal motivação dos moradores que estavam na elaboração do documento em 2005, e que deram início ao processo de registro da comunidade. Em conversas informais com os interlocutores, especialmente os mais idosos, ouvi por diversas vezes relatos que corroboravam com os da presidente da associação.

Perguntei a Ana Lúcia quem estava no discurso inicial do reconhecimento da comunidade, e sua resposta foi objetiva e reveladora para mim:

Toda a comunidade. Era muita gente que morava aqui, eram muitas famílias que moravam aqui. Na época, eu acredito que nós éramos mais de 30 famílias, e em 2005 nós tínhamos um total de 106 ou 110 pessoas entre jovens, adultos e crianças. Todas as famílias foram convidadas e participaram. A discussão do processo todo foi feita em coletivo, várias vezes eles reuniram, várias vezes eles discutiram. E daí fomos levando, **aonde eles tinham nos itens deles, no final, que tá no nosso documento todo o processo de reescrever a história da Cabanagem em Cuipiranga. Isso tudo tá em documento**” (Grifo do autora). [Entrevista realizada em 9 de março de 2019).

O grifo intencional é para mencionar que ao contrário do que eu acreditava antes da pesquisa, a história da Cabanagem em Cuipiranga não foi incorporada pelos moradores após as investigações que iniciaram na comunidade. Na verdade, eles sempre conheceram a sua história. Por isso, ao invés de falar em “valorização” de uma memória, preferi chamar de (re) revalorização, afinal, eles mesmos já valorizavam e compartilhavam suas memórias cabanas entre si.

Nesse sentido de memória, o sociólogo Maurice Halbwachs (1990), acredita que a memória social é uma construção coletiva sobre o passado feita a partir das condições sociais que o grupo vivencia no presente. O autor que é pioneiro nestes estudos, afirma

também que “recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação, embora muitas circunstâncias a ele relativas permaneçam obscuras para nós” (p.29).

Compartilhando desta afirmação, trago impressões de quando cheguei em Cuipiranga pela primeira vez em 2016. Ao conversar com os moradores sobre suas memórias cabanas, observei que as narrativas dos interlocutores dialogavam constantemente. Assim, ninguém afirmava conhecer por completo a história da Cabanagem, mas os relatos apoiavam-se uns nos outros de maneira a constituir uma espécie de mosaico de informações que se conectavam e faziam algum sentido para eles. Para ilustrar, dou como exemplo, as narrativas que coletei sobre a “igreja dos cabanos”<sup>8</sup>, ou ruínas do que teria sido essa igreja na época da guerra; o “cemitério dos cabanos”<sup>9</sup> que é também o cemitério de uso comum da comunidade e o “cabano encantado”<sup>10</sup> que faz *visagem*<sup>11</sup> durante a noite e que seria o protetor de tesouros que ali foram enterrados.

Sobre estes supostos tesouros, há uma forte crença de que alguém ainda possa encontrá-lo. Perguntei a Manoel Ramos, 37 anos, nascido e criado em Cuipiranga se ele acreditava que existiam riquezas do tempo da Guerra na comunidade:

Eu com certeza acredito que tem riqueza enterrada aqui. Eu vejo isso! De vez enquanto tem pessoas achando coisas valiosas aqui. Um homem um dia desses achou duas moedas e uma argola (...) e tem gente caçando isso. Apareceu um barco um dia desses aí, eles *tavam* procurando saber dessas histórias, aonde aparece coisas que a gente vê né? Dizem que é *visagem, mizura*, essas coisas [se referindo ao cabano encantado]. Eles vem atrás disso, então é justamente pra saber aonde é que tá essa riqueza” (Entrevista realizada em 9 de janeiro de 2018).

O relato de Manoel faz parte tanto de suas memórias do tempo de criança, quanto de novas histórias que vão se atualizando e dando base para as antigas. Em outros

---

<sup>8</sup> Na comunidade, existem ruínas no alto de uma serra que segundo os moradores seria a igreja dos cabanos. Há também quem acredite que ela era uma espécie de prisão que foi construída para castigá-los. Não se sabe ao certo como as grandes pedras chegaram até lá e porque a obra não foi finalizada, mas os moradores afirmam que muito cabano foi forçado a carregá-las.

<sup>9</sup> O cemitério cabano fica no mesmo morro, próximo às ruínas. Os comunitários dizem que ele era muito maior, se referindo ao fato de muita gente ter morrido. Alias, a crença da cor vermelha da praia também remete a muito sangue cabano derramado.

<sup>10</sup> De acordo com a crença local, o cabano encantado é o protetor das riquezas que foram enterradas durante a Guerra da Cabanagem e que até hoje aparecem pessoas na comunidade procurando essas riquezas.

<sup>11</sup> Visagem vem do francês: cara, careta, visão. Segundo Vaz Filho 2014 “na região, é coisa que mete medo, principalmente de noite em lugares escuros; é aparição, fantasma, assombração, coisa de outro mundo. Acreditamos que os mortos podem aparecer novamente em forma de *visagem*. Mas os *bichos* ou *encantados* também aparecem em forma de *visagem*. Existe lugares que são conhecidos como visagentos, onde frequentemente aparecem *misuras* e *visagens*”.

momentos do diálogo ele enfatiza que estas histórias foram contadas pelos mais velhos e que ele mesmo só sabe falar sobre a Cabanagem através dos relatos dos antigos moradores.

Halbwachs (1990) alerta que para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que nos apresentem apenas seus testemunhos. Precisamos concordar com as memórias deles e identificar pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar possam ser reconstruída sobre uma base comum.

Não basta reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 1990, p. 39)

Nesse sentido, evidencia-se que as histórias e memórias sobre a Guerra da Cabanagem em Cuipiranga só fazem sentido para seus moradores, porque possuem uma base comum. Mesmo que digam só saber contá-las através de terceiros.

Além de serem compartilhadas, elas também estabelecem pontos de contato. Pantoja (2010), afirma que “independente de qual ideia ou ideias de Cabanagem possuam os nativos de Cuipiranga, (...) a igreja e o cemitério fazem parte do patrimônio cultural e simbólico deste povo, desta comunidade” (p. 126). Para ela, essas formas tanto materiais ou simbólicas que os moradores se apropriam em suas narrativas, são formas por meio das quais eles se reconhecem e de certa forma estabelecem seu relacionamento com o tempo presente.



**Figura (04):** Parte das ruínas da suposta igreja no alto da serra  
**Fonte:** Eloane Picanço, 2018.



**Figura (05):** Cemitério dos cabanos  
**Fonte:** Eloane Picanço, 2018.

Compreendendo que as memórias dos moradores está conectada com a criação da Associação da comunidade, o documento que está em anexo e que foi redigido por eles, revela qual a importância destas memórias para o coletivo e como eles recorreram a elas como uma forma de se organizar politicamente.

Supõem-se portanto, que as motivações, sua busca por melhorias e as tentativas de reconhecer o seu lugar de origem, evidência que os comunitários não só conheciam o seu passado comum, como estavam conscientes do significado que Cuipiranga possui para a Cabanagem no Baixo Amazonas.

Perceberemos agora, como estes sujeitos passaram a se organizar para a promoção dos Encontros anuais da Cabanagem na comunidade e como o evento vem moldando novas relações em Cuipiranga.

### **2.3. “Os Encontros da Cabanagem”**

É importante destacar que desde 1985, há no Pará esforços notórios no sentido de destacar a memória da Cabanagem como um elemento fundamental para os moradores da região. Aliás, já em 1936, o Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), patrocinou e dirigiu as comemorações do centenário do movimento cabano (PINHEIRO, 2001). Outros exemplos de homenagens também podem ser mencionados, como o Memorial da Cabanagem em Belém, o prédio da Assembleia Legislativa do Pará que se chama “Palácio da Cabanagem”, a Rua dos Cabanos em Santarém e desde 2011 o evento anual da Cabanagem em Cuipiranga.

O primeiro Encontro da Cabanagem nesta comunidade aconteceu em janeiro de 2011, coordenado pela Associação dos Moradores de Cuipiranga, com apoio do Prof. Florêncio Vaz e estudantes universitários de Santarém. Estavam motivados pela passagem da “Caravana da Memória Cabana” em 2010.<sup>12</sup>

Este evento fora organizado pelos antropólogos Florêncio Vaz e Deborah Goldemberg, e além de Cuipiranga, a Caravana visitou várias comunidades e aldeias indígenas da região, colhendo depoimentos dos moradores a respeito da Guerra da Cabanagem. A Caravana resultou em filmes documentários, exposição de fotos e o livro “Valentia” de Debora Goldemberg (2012). Assim, além de Cuipiranga ter sido reconhecida como palco dos principais conflitos dessa Guerra, a comunidade também passou a ser um dos símbolos de memória viva dos descendentes cabanos que ali permaneceram. Foi nesse contexto que foi criado o Encontro da Cabanagem visando rememorar a resistência cabana na região do Baixo Amazonas. Desde então, o evento passou a ser realizado todos os anos em Cuipiranga, sempre em um final de semana em torno do dia 7 de janeiro, data da tomada de Belém pelos cabanos em 1840.

Com uma programação que incluía debates sobre o tema, roda de conversas e exibição de documentário, o primeiro Encontro reuniu centenas de pessoas da cidade e comunidades vizinhas. Em vista dos resultados positivos, já no segundo ano de Encontro, os próprios moradores passaram a organizar mais ativamente a “Festa da Cabanagem”, como muitos deles passaram a denominar o evento, acrescentando também na programação, a festa dançante com música ao vivo e muita bebedeira.

É curioso mencionar que nas pesquisas de Mark Harris (2010) sobre Cuipiranga na época da Guerra, ele encontrou informações que descreviam o local como um lugar que possuía uma dinâmica parecida com os atuais Encontros. Segundo ele, “Os acampamentos tinham uma atmosfera festiva, com música, cantoria e dança, assim como discussões e debates” (p.278).

De uma perspectiva mais geral, utilizando como base as análises de Mikhail Bakhtin (1993) e Roger Chartier (1995), compreendemos que a incorporação da festa dançante na programação, tal como a bebida e demais aspectos dos Encontros faz parte das tensas relações que historicamente a cultura popular manteve com o Estado, a Igreja e uma sociedade que se considerava “oficial”, segundo os autores.

---

<sup>12</sup> Ver detalhes no site da caravana da memória cabana criado em 2010 e atualizado a cada Encontro. Disponível em: <https://caravanacabana.blogspot.com/>

Em sua análise, Bakhtin (1993) afirma que a compreensão do grotesco se dá pela cultura popular por concebê-lo como um corpo social que se opõe ao corpo dito clássico ou elevado. Ele dá como exemplo o Carnaval, que como proibição imposta pela sociedade oficial foi transformado e ressignificado pelo povo.

Ao contrário da festa oficial, o carnaval era o fundo de uma espécie de libertação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus. Era a autêntica festa do tempo, a do futuro, das alternâncias e renovações (BAKHTIN, 1993, p.9).

Dessa perspectiva, o Carnaval era a própria libertação que a cultura popular encontrava através da inversão de valores, status, ordem etc. Seguindo esta lógica e observando a dinâmica lúdica que atualmente existe na programação dos Encontros e comparando-as com as reuniões dos cabanos de outrora, é possível dizer que ambos criaram os seus próprios modos de “libertação”, sobretudo estabelecendo o contraste da vida no campo e na cidade.

Ao criarem autonomia frente ao evento, se observa também um movimento inverso nos Encontros: se antes a movimentação iniciava em Santarém, com um pequeno grupo de intelectuais, e depois seguia para Cuipiranga, o que se percebe atualmente é a iniciativa e compromisso dos moradores para que a festa aconteça. Os acadêmicos de Santarém participam apenas como convidados, sem influenciar na programação.

Em 2018 participei pela primeira vez do Encontro. No primeiro dia de evento, na manhã de sábado, fizemos uma caminhada na mata, que já é “tradicional” e dura cerca de uma hora.<sup>13</sup> A ideia era percorrer um dos prováveis caminhos que os cabanos de outrora faziam para fugir ou se esconder. A cada parada, alguns moradores, principalmente os mais velhos foram contando histórias que ouviram de seus pais ou avós sobre os cabanos fugidos. Depois disso, as atividades só retornaram à noite com a abertura oficial do evento: uma roda de conversa na praia, onde foram feitas reflexões sobre os objetivos do Encontro. Na mesma noite a programação continuou no barracão comunitário, com desfile e escolha da “miss cabana” e festa dançante com música ao vivo.

Chegaram as pequenas embarcações das comunidades vizinhas, para participar da festa no último dia de Encontro. Na manhã de domingo, a programação iniciou com uma curta caminhada até o cemitério local, chamado também de *cemitério dos cabanos*.

---

<sup>13</sup> Esta caminhada começou no Encontro em 2011, e passou a ser repetida nos anos seguintes.

Lá foram feitas orações em memória a todos os cabanos que morreram naquelas terras. Ao retornar para o barracão, as atividades se encerraram com fogos de artifício, derrubada do mastro (que foi enfeitado e levantado na sexta-feira à noite pelos moradores), escolha dos próximos organizadores do Encontro e, por último, bingo e torneio de futebol, que fazem parte das visitas intercomunitárias, como apontou Vaz Filho (2014).



**Figura (06):** Caminhada na trilha dos cabanos  
**Fonte:** Pedro Alcantara, 2018.



**Figura (07):** Sr. “Zé” Maria contando histórias sobre os cabanos fugidos.  
**Fonte:** Pedro Alcantara, 2018.



**Figura (08):** Candidatas ao título: “Rainha da Cabanagem”  
**Fonte:** Eloane Picanço, 2018.



**Figura (09):** Vencedora da disputa.  
**Fonte:** Eloane Picanço, 2018.

Nesse sentido, o que se observa é que além da autonomia e controle do evento, os moradores procuram dar os seus próprios sentidos a ele. A inclusão de novos aspectos na dinâmica e na programação é também uma forma de demonstrar o que os Encontros representam para os moradores de Cuipiranga. Assim, gostaria de chamar atenção para

as relações que os atuais comunitários mantêm com a Cabanagem e para a criação de uma identidade e de novos sujeitos políticos que vem se percebendo nos Encontros.

“Novos cabanos” é uma categoria nativa que aparece relacionada a identidade de sujeitos que se reconhecem como descendentes diretos dos índios, negros e mestiços que lutaram no período da revolta cabana. Se esta expressão foi criada inicialmente por intelectuais de Santarém (professores e estudantes universitários, principalmente), e só posteriormente foi incorporada por alguns moradores de Cuipiranga, a verdade é que, com base em suas memórias e dentro do contexto dos Encontros, eles começaram a utilizá-la enquanto identidade e discurso político. E conectam com essa sua identidade os seus lugares de memória espalhados pelo povoado (areia vermelha da praia, o cemitério, velhos caminhos, etc.).



**Figura (10):** Momento de orações na visita ao cemitério cabano.

**Fonte:** Pedro Alcantara, 2018.



**Figura (11):** Derrubada do mastro e escolha dos próximos organizadores do Encontro.

**Fonte:** Eloane Picanço, 2018.

Com nove anos de realização dos Encontros da Cabanagem em Cuipiranga, (o último realizado nos dias 8 e 9 de março de 2019) algumas questões me parecem pertinentes para tentar responder por exemplo, quais foram as motivações que fizeram a comunidade reconhecer uma descendência cabana e fazer disso um evento de rememoração e busca por melhorias?

Nos últimos anos tem se observado uma forte organização dos comunitários para receber a caravana que vai de Santarém. Desde a programação ao frete de embarcações, são eles que estão à frente de quase tudo. O próprio nome “festa da Cabanagem” como

ficou conhecido por muitos deles, carrega uma trajetória de identidade. Entretanto, observamos que os Encontros também geraram conflitos e disputas entre algumas famílias.

No ano de 2017, comecei a participar mais ativamente junto aos moradores em relação a divulgação do evento<sup>14</sup>, mas como já mencionei, por motivos de falecimento de uma moradora o Encontro não aconteceu naquele ano na comunidade, apenas em Santarém. Mesmo com o pouco contato, já havia percebido um mal estar e algumas reclamações por parte dos interlocutores que afirmavam estar difícil realizar o Encontro. No entanto, quando decidiram pela não realização, não se falou mais no assunto.

Em 2018, outras situações me chamaram atenção novamente. Apesar de ser perceptível que os Encontros acontecem muito em função dos próprios comunitários que se organizam para levar os caravanistas de Santarém à Cuipiranga, que criam a programação do evento e executam as atividades previstas, existe na comunidade tensões que pressupõem um “domínio” deste festejo. Falando empiricamente, as memórias cabanas entram em disputa entre os próprios moradores.

Atualmente a crise que parece não ser apenas dos últimos três anos que estive em contato com a comunidade, refletiu de forma significativa no IX Encontro. Os conflitos que anteriormente eram minimizados, vieram a tona desde pelo menos os dois meses que o antecederam. Após o Encontro de 2018 que também aconteceu sob divergências entre os comunitários, estabeleci contato com o responsável do evento em 2019.<sup>15</sup> Apesar de ter nascido e morado em Cuipiranga até a adolescência, ele reside em Santarém. Por este motivo, nosso contato foi estabelecido facilmente e nos reunimos diversas vezes para conversar sobre as propostas que ele tinha para o evento. Nas reuniões, além de mim, participavam outras pessoas que ele mesmo convidava, como amigos, alunos e professores da Ufopa. Assim, o diálogo foi viável entre nós, que sempre buscamos agir de forma colaborativa.

Todavia, “nos bastidores” de Cuipiranga a situação não era nada amistosa. E, novamente o que prevalecia era a sensação de que o Encontro em 2019 fosse acontecer em meio a desentendimentos ou que talvez não acontecesse.

Em 2018, fazendo parte da coordenação do evento em Santarém e tendo conhecimento da crise na comunidade, propomos uma reunião após o evento para avaliarmos o Encontro e as “brigas” que aparentemente ele estavam causando. Nela

---

<sup>14</sup> Principalmente através do programa radiofônico “A Hora do Xibé”.

<sup>15</sup> Por motivos de ética, optei por não usar o seu nome neste trabalho.

estavam presente os organizadores da festa (uma família específica e mais outros moradores que se diziam fora da organização) e um pequeno grupo de professores e estudantes que tentavam intermediar o diálogo. Ali o clima também era carregado de tensões. Pouco mais de uma hora de reunião, a impressão que eu tinha era de que nada tinha sido resolvido, ainda que pedidos de desculpas e abraços tivessem amenizado as emoções. Dessa forma, ao invés de interpretar o Encontro como algo totalmente positivo do ponto de vista simbólico, a realidade que se mostrava me exigia novas interpretações. Uma delas era entender quais os interesses (econômicos, simbólicos/prestígio, pessoais etc.) que se construíram a partir dos Encontros da Cabanagem.

Como resultado dessa crise, o evento este ano (2019) não superou as expectativas nem de quem foi pela primeira vez, nem de quem já o conhecia e pelo que percebi nem dos próprios moradores que estavam em “pé” de briga. O evento que normalmente acontece nas primeiras semanas de janeiro, fazendo alusão a data da tomada de Belém pelos cabanos foi transferido para o mês de março devido ao falecimento de outra antiga moradora. Assim, o sentido simbólico desta data foi descontextualizado.

Outra questão emblemática se refere ao barracão que é de uso comunitário e foi alugado por um valor x para ceder espaço a festa dançante que acontece no sábado a noite. Em conversas informais com alguns interlocutores, soube que a decisão de alugar o barracão partiu de lideranças comunitárias em vista da arrecadação de recursos. Entretanto, essa decisão implica muitas outras questões que ainda precisam ser analisadas, pois em oito anos de evento o barracão sempre foi utilizada para este fim sem que precisasse ser pago, afinal, a “festa da Cabanagem” é de quem senão dos moradores? Diante disso e de outros pormenores, quase nada do que estava previsto para o evento deste ano aconteceu, resumindo-se apenas na derrubada do mastro no domingo de manhã e a escolha dos próximos organizadores.

Na tentativa de compreender os por quês destes conflitos, pontuarei os que me parecem relevantes para responder a problemática deste trabalho: Quais mudanças e desdobramentos os Encontros da Cabanagem trouxeram para Cuipiranga e a vida em comunidade? Em primeiro lugar, o evento que é realizado desde 2011 ganhou proporções que talvez nem os comunitários imaginassem que ganhariam. De um lugar simples e até então desconhecido, a comunidade passou a ser frequentemente visitada por pesquisadores e curiosos. Nesse sentido, as memórias cabanas que se restringiam apenas a sua “comunidade afetiva” (HALBWACHS, 1990), começou a ser requisitada por olhares externos, gerando vaidades e interesses múltiplos. É comum ouvi-los mencionar

os pesquisadores que foram lá conhecer a sua história. A professora Ana Renta, o jornalista Manoel Dutra e o antropólogo Florêncio Vaz Filho são constantemente citados por eles como pessoas que ajudaram a levar o nome de Cuipiranga “pra fora”.

Em segundo lugar, a Associação dos moradores foi criada em vista de buscar “melhorias” para a comunidade. Sem dar certeza, pois não conversei com mais comunitários em relação a isso, suponho com base na entrevista com a presidente da associação que essas melhorias dizem respeito as condições econômicas do lugar. Como as famílias não possuem renda fixa, a “festa” da Cabanagem seria um meio de arrecadação de recursos. Mas não acho que os interesses no domínio do evento se resumam a isso. Embora o Encontro viabilize uma pequena renda para uma ou outra família que coloque vendas de lanches, almoço ou janta, o recurso que o evento gera fica com a Associação comunitária. Além disso, há projetos de construir um dormitório para receber os caravanistas. Recentemente, o barracão também foi ampliado para melhorar o espaço que serve tanto para o Encontro como para a Festividade da Santíssima Trindade que lá é celebrada no mês de setembro. Portanto, desse ponto de vista e no que se refere aos conflitos, a questão financeira para mim está em segundo plano.

No decorrer dos anos 2011 a 2019 os Encontros também apresentam uma constante mutabilidade. Analisando e comparando as transformações em uma perspectiva de Fernando Balbi (2017), que defende a comparação como um recurso importante e necessário do trabalho etnográfico, observei que existe uma inversão de papéis na participação dos moradores. Nos primeiros Encontros era mais forte a presença de palestrantes, assim, os debates acerca do contexto histórico da Cabanagem eram levantados pelos convidados, enquanto os moradores participavam mais passivamente.

Quando os comunitários passaram a ter autonomia frente ao evento, suas narrativas também ficaram mais presentes. Inclusive, reivindicando a identidade de “novos cabanos” como discurso político. Compreender a dimensão dessa categoria e o que ela significa para os moradores, requer uma outra análise que não será feita neste momento. Quero apenas ilustrar que quando essa nova identidade é provocada pelas pesquisas, pelos debates, pelos Encontros e principalmente pela revalorização de suas memórias, criam-se também novas relações. Famílias que se diziam ser descendentes legítimos dos “verdadeiros cabanos”, criaram uma dicotomia entre “verdadeiros” e “falsos”. Como relatou um morador<sup>16</sup> e que participa desde o primeiro Encontro “... tem

---

<sup>16</sup> Optei por não identificá-lo.

esse desencontro aí, esse desencontro que tem os da família Branches, que eles dizem que eles são os cabanos originais, os verdadeiros né? Mas eles não sabem contar essa história. Tem muitas coisas aqui na comunidade que precisam ser exploradas”.

Outra moradora disse que ela sempre é rotulada como uma pessoa contra o movimento da Cabanagem, mas segundo ela isso não é verdade, pois desde o início esteve a frente dos Encontros e da proposta de reescrever a história da Cabanagem em Cuipiranga:

As vezes até machuca quando eles dizem que sou contra qualquer tipo de movimento em relação a Cabanagem. Eu nao posso ser contra um movimento que está escrito em um documento que eu mesma assinei. Eu não sou contra. A forma que está sendo conduzida é que eu sou contrária. Porque não tá de acordo com o que a gente planejou. (Entrevista realizada em 9 de março de 2019).

Um fato curioso e instigante para futuras interpretações aconteceu durante a escolha da nova organização de 2020. Geralmente, quem fica responsável por promover o Encontro do ano seguinte, são as pessoas ou a pessoa que espontaneamente pega a bandeira após o mastro ser derrubado. É claro que este ritual é ou deveria ser simbólico, pois do ponto de vista prático toda a comunidade deve organizar conjuntamente o evento. No entanto, seu Cláudio (Coruja), uma das lideranças da comunidade, informou minutos antes do mastro ser derrubado que quem pegaria a bandeira seria a comunidade.

Como fui um dia antes do início do Encontro (sexta – feira), estive durante o sábado coletando material para minha pesquisa. Com o clima de tensão bastante perceptível perguntei a alguns interlocutores o que estava acontecendo. Em meio as respostas, disseram que a decisão da comunidade de pegar a bandeira no último dia (domingo) estava sendo articulada por moradores que se sentiam excluídos do evento que é da comunidade, mas que naquele momento (e anos anteriores) parecia ser apenas de uma família.

Diante disso e da própria narrativa de cabanos “verdadeiros” compreendo que há uma forte disputa de prestígio entre aqueles que se dizem os mais descendentes contra aqueles que seriam menos. Não a toa, os conflitos, pelo menos dos dois anos que estive acompanhando mais de perto, foram gerados porque a família “dos Branches” queria ser a dona da festa. Percebo também que os interesses são de múltiplas ordens e que a revalorização externa destas memórias além de despertar sentimentos de grupo e pertencimento, provocaram também antigas disputas de prestígio e por que não de poder?

Gostaria de ressaltar também, que nem só de brigas o evento é feito. Este é apenas um dos dados que a pesquisa de campo mostrou e que não se pode negá-los.

Com nove anos de Encontro, os moradores conseguem falar de Cuipiranga antes e depois do início do evento. Vejo que muitos deles participam desde 2011 assiduamente e sempre estão dispostos a receber caravanistas em suas casas.

De um ponto de vista positivo, seu Cosme Braches, 47 anos, avalia os Encontros como um momento de alegria “Pra mim foi muito importante ser realizado o festival da Cabanagem. É com muita alegria, tem muita recordação, tem a levantação do mastro, tem o marambiré e outras coisas a mais como a festa dançante onde as pessoas se divertem”.

Seu Nelso Oliveira, 55 anos, afirma que antes dos Encontros acontecerem a Cabanagem estava “morta” na comunidade. Este mesmo morador também acredita que é preciso divulgar a história de Cuipiranga:

Era um coisa que estava morta na comunidade, com essa [inteligível] que veio, foi divulgado. Isso foi uma grande conquista pra comunidade. Veio as pessoas registrar as coisas da Cabanagem, aí foi surgindo né? E aí foi divulgando. Agora pra nós é uma alegria de ver a nossa comunidade ser tão falada. (...) não é só aqui no Brasil que tão sabendo da Cabanagem, lá pros Estados Unidos todos eles já sabem que aqui é um grande viveiro dos cabanos. Veio até professor de Manaus atrás de um livro dos cabanos, eu tinha uma revista e enviei pra ele. Me perguntaram o que teve de retorno: O que teve de retorno é que ele escreveu de lá e foi divulgado bastante nas escolas em Manaus. Nem eles sabiam o que era esse negócio dos cabanos. (...) quanto mais as pessoas vem procurar a gente pra contar a história dos cabanos a gente tem que contar. Não pode ficar escondido e nem calado e não divulgar o que existe na nossa comunidade.

Embora as tensões reflitam expressivamente na realização dos Encontros, não quero deixar de considerar para esta análise inconclusiva que a Cabanagem foi uma Guerra complexa e que até hoje interpretações tentam explicá-la sob vários primas. E se a “derrota” dos cabanos em 1840 foi entendida como falta de articulação e divergências políticas entre os próprios cabanos, por que não usar esta teoria como uma possível interpretação desta nova forma de viver a Cabanagem?

Para alguns moradores, a Cabanagem morreu e ficou só na memória dos mais velhos, para outros no entanto, ela continua viva e os Encontros são uma forma de “festejar essa nova Cabanagem”.

## CAPITULO III

### 3. 1. Memória social e a emergência de identidades

Como observou Sue Iamamoto (2017), o campo da memória social tem crescido consideravelmente nas ciências humanas desde as últimas décadas do século XX, em especial nos estudos culturais. Para a autora, a emergência dos estudos de memória social se deve a diversos eventos de recordação acerca de episódios dramáticos da história como a II Guerra Mundial e o Holocausto, por exemplo. Ao se referir a America Latina, Iamamoto aponta que o fim das ditaduras militares também marcou profundamente a produção teórica sobre a importância da memória social. Nesse sentido, a autora acredita que a recordação desses eventos determinaram um rompimento na forma como a memória coletiva passou a ser entendida nos estudos acadêmicos “ela já não se referia a eventos inspiradores do passado, mas sim uma forma de aprender as lições deste” (p.2).

Cabe ressaltar novamente que os Encontros da Cabanagem em Cuipiranga fazem parte de esforços que movimentos sociais no Pará tem feito durante décadas para que a memória cabana não seja esquecida. O que se observa é que além de ser usada como inspiração para as futuras gerações, ela é também um meio de denunciar as desigualdades sociais que ainda são tão marcadas na região. Como demonstrou Ricci (2006) a memória cabana no Pará sempre foi promovida como um discurso político:

Nos anos do Estado Novo, o interventor do Pará tornou-se o maior financiador do Instituto Histórico e Geográfico do Pará. Bancando as pesquisas sobre o movimento cabano, Magalhães Barata financiava estudos que interligavam a Revolução de 1930, no Pará, com a revolução cabana, exaltando no passado e no presente o fim das oligarquias e as vantagens de um governo populista. Nos anos de 1980, o movimento cabano renasceu e ganhou status popular nas ruas e nas praças. O então governador eleito depois da ditadura militar, Jader Barbalho, se percebia como um novo líder cabano. Seu governo criou o Memorial da Cabanagem, financiou pesquisas, promoveu um concurso de monografias sobre o tema, durante os 150 anos do movimento cabano. Já na década de 1990, a prefeitura de Belém, governada pelo Partido dos Trabalhadores, fez reviver mais uma vez a Cabanagem. O prefeito Edmilson Rodrigues afirmava que seu governo era mais uma tomada cabana de Belém. Nascia uma terceira tomada e ele seria o sucessor legítimo do governo de Eduardo Angelim. O sambódromo local transformou-se em Aldeia cabana, nasceu um bairro, com ruas e avenidas que homenageavam o movimento e seus heróis populares. (RICCI, 2006, p.29)

No texto “Memória, Esquecimento, Silêncio” o historiador Michael Pollak (1989), analisa de uma outra perspectiva que a memória nacional já vinha sendo contestada e inclusive disputada por movimentos sociais que queriam reescrever a história da Europa. Ele utiliza como exemplo as denúncias dos crimes stalinistas que arranharam o mito histórico dominante “Stalin, pai dos pobres”. Para Pollak, essa “destanilização”, despertou traumatismos profundamente ancorados que ganharam forma num movimento popular que se organizou em torno do projeto de construção de um monumento à memória das vítimas do stalinismo.

Assim, ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral segundo o autor, ressaltou a importância de memórias subterrâneas, que como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem a memória “oficial”, no caso, a memória nacional. Para ele, essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise e sobressaltos bruscos. E é justamente em momentos de crise que a memória entra em disputa: memória nacional *vs* memória subterrânea.

Nesse viés e considerando o contexto histórico da Amazônia no que se refere a disputas pelo território e ameaça constante às suas populações tradicionais, é notável que as memórias cabanas são memórias subterrâneas que disputam lugar com a memória nacional. Atualmente, também vivemos momentos de crises e sobressaltos bruscos no Brasil, onde movimentos sociais vem travando verdadeiras “guerras” contra memórias nacionais que defendem por exemplo, a ditadura militar. Assim, percebemos que os Encontros em Cuipiranga como um movimento “micro”, podem ser associados a movimentos “macros” que a própria sociedade brasileira vem perpassando nas suas diversas tentativas de reescrever a história de um ponto de vista dos excluídos.

Como apontou Imamoto (2017), o estudo da memória social tem sido usado preferencialmente para entender novos pressupostos éticos de sociedades que têm que lidar com legados sociais catastróficos, que devem ser lembrados continuamente para que não sejam repetidos.

Dessa maneira, ao compreender a memória social como um campo teórico de várias possibilidades, a autora critica a forma como os trabalhos tem se concentrado somente na materialização destas memórias, deixando de lado os próprios sujeitos:

Boa parte dos trabalhos em memória social, contudo, se concentraram no estudo de objetos, produtos culturais e espaços que materializam a

memória, como museus, memoriais, fotografias, pinturas, esculturas, filmes, músicas e obras literárias. Poucos estudos se focaram na recepção ou percepção dos atores sociais de determinadas memórias, sejam elas provocadas pelos objetos culturais, por discursos oficiais, ou pela agência de atores não-estatais (IAMAMOTO, 2017, p. 2).

Com isso, a autora propõe uma atenção mais marcada à recepção de conteúdos sobre o passado e às consequências políticas desta. Além de destacar percepções dos atores políticos, entendendo que as interpretações sobre o passado são chaves na construção das suas motivações presentes.

Halbwachs (1990) também define a memória como uma construção coletiva do passado feita a partir de condições que o grupo vivencia no presente. Na mesma direção, Pierre Nora (1993) entende a memória como vida, sempre carregada por grupos vivos e em permanente “evolução”.

Nesse sentido, a memória enquanto uma categoria do presente, não deve apenas ser um meio para estudar objetos que a materializam, mas sobretudo ser entendida como um dispositivo capaz de construir novas identidades e atores políticos, através de reescrita da sua história. Corroborando com esta perspectiva sobre memória social, analiso os Encontros da Cabanagem como uma “mobilização das memórias”.

Para Iamamoto, além de analisar como certas memórias foram construídas historicamente, é necessário “averiguar como as memórias operam no momento da mobilização, como elementos com potencial de promover a mobilização, informar táticas, organizar estratégias e projetos, e fortalecer a delimitação de um “nós” coletivo frente a um inimigo comum” (p.7).

É interessante destacar que dentro do contexto de mobilização, isto é, a forma como as memórias se organizam coletivamente, Iamamoto também ressalta a agência dos atores e seus interesses. Tomando como exemplo o trabalho da socióloga argentina Elizabeth Jelin (2003), Iamamoto enfatiza as contribuições que esta autora trouxe para os estudos de memória no que se refere as formas em que agentes sociais, batizados de “empreendedores da memória”, lutam pela predominância das suas interpretações do passado em sociedade.

Jelin utiliza como base empírica os processos de memorialização as ditaduras militares do Cone Sul, nos quais encontrou três grupos com projetos diferentes: os que denunciam as ditaduras e demandam punição aos violadores de direitos humanos; os que promovem uma visão de reconciliação, com medo da instabilidade democrática que a volta ao passado pode causar; e aqueles que glorificam o passado ditatorial e

suas consignas de ordem e progresso. Assim, ela defende que, mais do que uma luta da memória contra o esquecimento, ocorre uma luta de “memória contra memória”, uma “oposição entre memórias distintas e rivais (cada uma com seus próprios esquecimentos). (IAMAMOTO apud JELIN, 2017, p.4).

Apesar de os “empreendedores da memória” estarem associados a grupos, deve-se considerar que essa abordagem também pode ser pensada como uma explicação para os conflitos que envolvem as famílias em Cuipiranga, e que estas também são uma luta de memória contra a memória em razão de suas próprias interpretações do passado. Ou o que chamariamos de “enquadramento da memória” (POLLAK, 1989). Assim, para Iamamoto, “A inovação de Jelin está justamente em investir em uma abordagem da memória coletiva que coloca como central a agência política dos atores sociais” (p.4).

Diante dessa discussão, proponho pensar a memória como uma categoria fundamental para estudar a sociedade atual e a construção de memórias individuais e coletivas. Segundo Jacques Le Goff (1990), as memórias individuais são influenciadas por forças como afetividade, desejo, inibição, interesses e censura. As memórias coletivas por sua vez, são geralmente construídas por forças associadas as lutas sociais para alcançar poder e coesão social.

Dessa perspectiva, considero pensar a memória individual como fator central das disputas pelas memórias cabanas em Cuipiranga. É claro que existe uma coletividade que aparece desde a criação da Associação comunitária e que possuía interesses em comum, mas não podemos deixar de considerar que as memórias individuais existem e com elas, como apontou Le Goff, há forças que necessariamente não são as mesmas forças que impulsionam a memória coletiva.

Existem famílias em Cuipiranga que não querem ser mais ou menos cabanas que outras, há também aquelas que não se consideram cabanas. Há moradores que não nasceram lá, mas que se orgulham e se apropriaram das memórias dos antigos comunitários, há outros no entanto, que nasceram e que nunca participaram do Encontro e talvez nem se interessem por ele. O campo é mais complexo do que se imagina. Os sujeitos não são “coisas” facilmente classificadas. Aliás, desde o relativismo cultural de Franz Boas a antropologia vem buscando compreender a variabilidade humana em todos os seus aspectos. Não se fala em uma identidade, fechada e coesa.

Stuart Hall (2006) afirma que o final do século XX foi marcado por um tipo diferente de mudanças na estrutura das sociedades modernas em relação a “identidade”. Em sua análise, “velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social,

estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (HALL, 2006, p.7). O autor atribui essa mudança ao processo de globalização, onde enfatiza que as sociedades modernas estão em mudanças constantes, rápidas e permanentes.

Em resumo, Hall acredita que a identidade cultural do sujeito de outrora, unificada e estável, passou a ser fragmentada; composta não de uma única, mas de várias identidades. Nesse sentido, o processo globalizante, produziu o sujeito pós-moderno, sem uma identidade fixa, essencial ou permanente. E, que normalmente, não se enquadra em padrões dominantes.

De acordo com Iamamoto (2017) nas teorias de ação coletiva, o conceito de identidade tem sido normalmente vinculado à teoria dos novos movimentos sociais.

Neste paradigma, a identidade aparece como uma forma de explicar a natureza do conflito nas sociedades pós-industriais das últimas décadas do século XX, cujos novos sujeitos não emergem necessariamente da esfera da produção e do trabalho, mas portam expressões culturais que não se enquadram em padrões dominantes. Assim como a memória, a identidade é vista como algo herdado de antepassados, uma característica social recebida, não escolhida (IAMAMOTO, 2017, p.8).

Dessa definição de análise, porém, existe algumas observações. Segundo a autora, este entendimento de identidades e memórias coletivas como elementos “herdados” e não adquiridos pelos atores sociais tem sido questionado. Diferentes estudos acreditam na capacidade da ação coletiva construir suas próprias identidades. O fato é que a memória e identidade compartilham essa tensão entre suas dimensões herdadas e construídas, entre o que é estrutural e o que é maleável.

Herdada ou construída, a memória (como expressão de um passado compartilhado) é parte constitutiva da identidade coletiva, e pode aparecer de maneira central na definição do que um grupo é, quais são suas origens e quais são os seus “outros”. Contudo, a identidade coletiva conta com outros elementos (símbolos, táticas, o afeto pelos membros do mesmo grupo) que não necessariamente aparecem conjugados com memórias coletivas; eles podem se relacionar com projeções do futuro ou mesmo com práticas pré-figurativas no presente (IAMAMOTO, 2017, p.9).

Desse ponto de vista, a nova geração de cabanos, cuja identidade coletiva também emerge contra padrões de dominação e que tem sido mobilizada tanto por antagonismos entre o próprio grupo, como por reivindicações de melhorias para a comunidade possui

características “herdadas” e construídas. Isso só reflete e afirma que a memória coletiva é um produto de ação consciente dos atores sociais.

Por fim, entende-se que o Encontro da Cabanagem em Cuipiranga deve ser percebido no que Eric Hobsbawn (1984), definiu como “invenção das tradições”. Para ele, a tradição inventada é um conjunto de práticas “reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; (...) de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição (...)” (HOBSBAWN, 1984, p.9).

Inspirados por este autor, o objetivo não é olhar para as chances de sobrevivência dos Encontros, se vão continuar ou se serão interrompidos pelos próprios atores que o construíram, mas sobretudo o modo como eles surgiram e se estabeleceram entre os moradores a partir de suas memórias coletivas que apesar de possuírem um fim coletivo, possuem também interesses individuais.

Como mostrou Iamamoto (2017), o campo da memória social teve grandes transformações em suas abordagens teóricas. Embora ainda exista um considerável número de trabalhos dedicados a estudar a sua materialização, um novo olhar analítico vem se dedicando a entender como ocorre a recepção destas memórias pelos agentes sociais que dela se apropriam.

Nesse sentido, cabe dizer que os Encontros da Cabanagem além de uma rememoração do passado, são formas políticas que os moradores de Cuipiranga encontraram para manifestar sua existência e descendência cabana, pois “rememoração do passado não implica simplesmente a restauração do passado, mas também uma transformação do presente tal que, se o passado perdido aí for reencontrado, ele não fique o mesmo, mas seja ele também retomado e transformado” (BENJAMIM apud GAGNEBIN, 1999, p.16).



**Figura (12):** Faixa afixada em casa de palha em Cuipiranga durante o I Encontro da Cabanagem.

**Fonte:** Blog da Caravana Cabana. 2011.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Guerra da Cabanagem, embora camuflada pela historiografia durante décadas, continua inspirando grupos, povos e populações da Amazônia. Este trabalho buscou demonstrar que dentre as varias formas de salvaguardar a sua história, estas populações vem se manifestando com o propósito de legitimizar o seu território, as suas identidades e pertencimentos.

Neste trabalho, apresentamos os Encontros da Cabanagem em Cuipiranga como parte dessas manifestações. Onde os moradores, ao se apropriarem de suas memórias, utilizam o evento para buscar melhorias para a sua comunidade. Além disso, destacamos, que quando estas memórias são (re) valorizadas por contextos externos, emergem interesses e disputas por essa memória.

Utilizando o campo da memória social, que vem se modificando desde o século XX, apresentamos algumas possibilidades analíticas, sobretudo na perspectiva de Yamamoto (2017), para compreender como a memória atua durante a sua *mobilização*. Além disso, mesmo sem aprofundar o debate, ressaltamos a emergência de novos atores políticos que vem se observando nos Encontros da Cabanagem.

É interessante notar que os Encontros em Cuipiranga, apesar de possuírem a sua própria dinâmica, se enquadram nas inúmeras tentativas de rememorar a revolta cabana no Pará, evidenciando que essa luta nunca foi totalmente esquecida. Como apontou Ricci (2006) a Cabanagem na Amazônia é simbolo de ação popular, de mudanças e de movimentos sociais que cultuam a memória cabana.

Em uma perspectiva mais ampla, tentou-se esboçar que os Encontros também expressam denúncias de uma Amazônia pensada para execução de projetos grandiosos como hidrelétricas, mineradoras, madeiras e de maneira geral, projetos que ignoram a existência de seus atores sociais.

O que as narrativas dos moradores demonstram é que a Cabanagem continua viva não só em suas memórias, mas também em seu cotidiano. Assim “sua luta presente também rememora a dos cabanos” (RICCI, 2006, p.30).

Por fim, não nos restam dúvidas de que as memórias em Cuipiranga carregam heranças do passado, mas também possuem a sua própria capacidade de construir o seu futuro e reescrever uma nova história.

## REFERÊNCIAS

Amorim, Terezinha Santos. **Cabanagem no Baixo Amazonas: a importância de Ecuipiranga no cenário regional**. Revista Instituto Histórico e Geográfico do Tapajós – IHGTap, Santarém, v. 4, n 2, 2016.

Balbi, Fernando Alberto. 2017. “**Comparación, etnografía y generalización**” in Anuário Antropologia. Brasília, Unb, v. 42, n. 1:9-35.

Barriga, Leticia Pereira. **Entre Leis e Baionetas: Independência e Cabanagem no Médio Amazonas (1808-1840)**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História. p.119-128. Belém, 2014.

Bakhtin, Mikhail. (1993). **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. O contexto de François Rabelais. São Paulo/ Brasília: Hucitec/Ed. UNB.

Becker, Bertha K. **Geopolítica da Amazônia**. Estudos avançados, v. 19, n. 53, p. 71-86, 2005.

Benjamin, Walter. **Magia e técnica. Arte e política**: ensaios sobre a literatura e a história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Boas, Franz. **Antropologia cultural**. Org. Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

Chartier, Roger. (1995). **Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico**. Estudos Históricos, 8/16, p. 179-192.

Chiavenato, Júlio José. **Cabanagem: O Povo no Poder**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

Di paolo, Pasquale. **Cabanagem: a revolução popular da Amazônia**. Edições Cejup, 1986.

Dutra, Manuel. **Gazeta de Santarém**, edição especial Cabanagem. Santarém, 22 de junho de 2009.

GEERTZ, C. Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa In:\_\_\_\_\_ **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras. 1989.

Goldemberg, Deborah Kietzmann. **Valentia**. São Paulo: Grua Livros. 2012

Halbwachs, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

Hall, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

Harris, Mark. **Rebelião na Amazônia: Cabanagem, raça e cultura popular no norte do Brasil, 1798-1840**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2017.

Hobsbawm, Eric; Ranger, Terence (orgs). **A invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

Iamamoto, Sue A. S. **Memória coletiva e movimentos sociais: um encontro de dois campos teóricos**. In: 41º Encontro Anual da Anpocs. 2017. Caxambú- MG, 2017.

Le Goff, Jacques. **História e Memória**. tradução Bernardo Leitão et al. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

Mahalen, Leandro. **Rios Vermelhos: perspectivas e posições de Sujeito em torno da noção de Cabano na Amazônia em meados de 1835**. 2008. Dissertação de Mestrado apresentado no PPGAS-FFLCH-USP, São Paulo.

Malinowski, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

Melo, Wilverson R. S. **Tempos de revoltas no Brasil oitocentista: a ressignificação da Cabanagem no baixo Tapajós (1831-1840)**. Dissertação (mestrado) apresentada ao PPGH/UFPE, 2015.

Nora, Pierre et al. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 10, 1993.

Pinheiro, Luís Balkar Sá Peixoto. **Visões da Cabanagem: uma revolta popular e suas representações na historiografia**. Manaus-AM: Editora Valer, 2001.

Pollak, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Revista Estudos Históricos, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

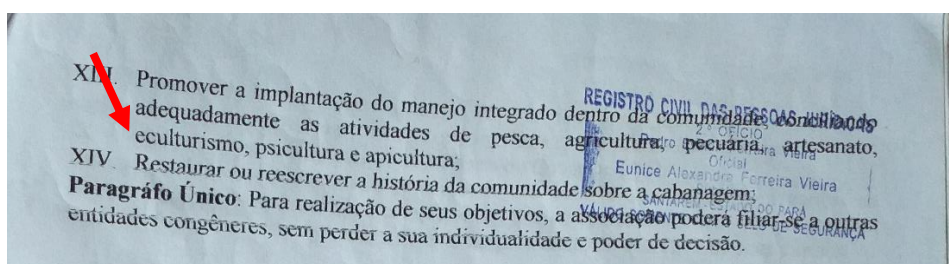
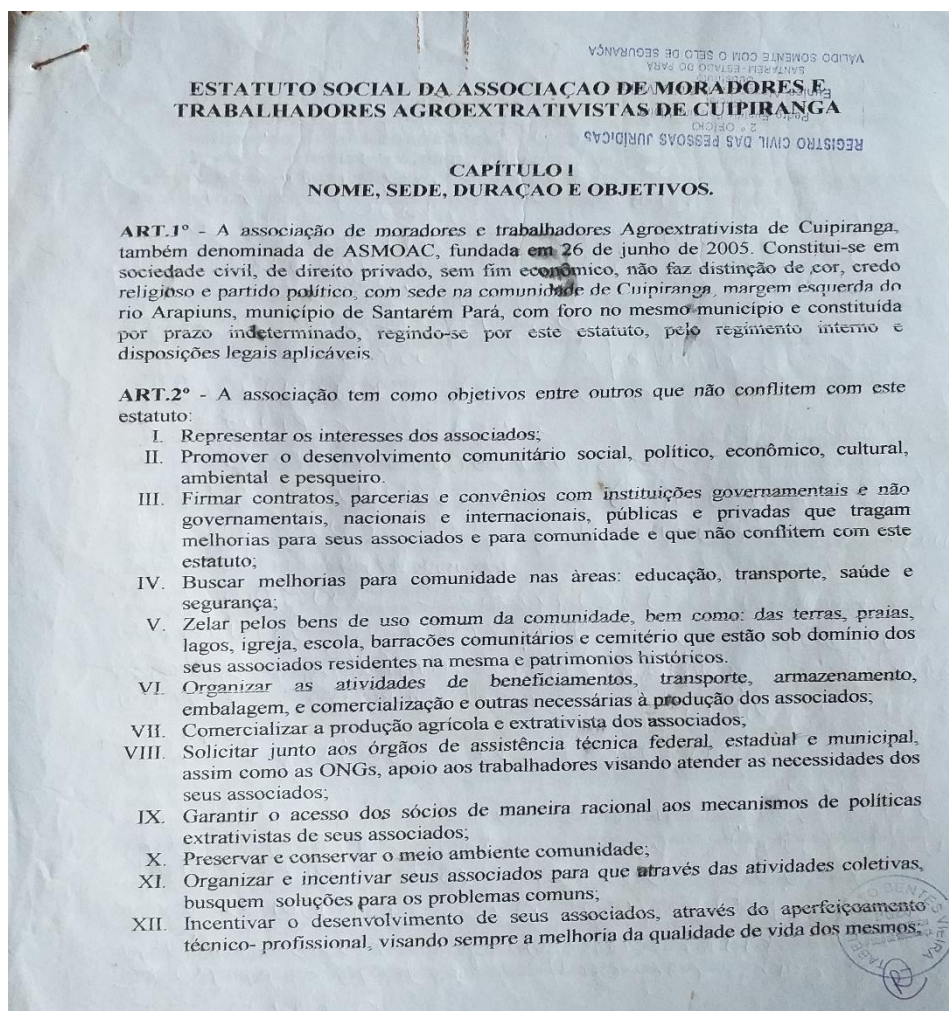
Prado Jr, Caio. **Evolução política do Brasil**. Editora Companhia das Letras, 2012.

Ricci, Magda. **Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840**. Tempo, v. 11, n. 22, 2007.

Vaz filho, Almeida Florêncio. **Revitalização das memórias da Cabanagem: Cuipiranga e a luta contra o esquecimento**. Revista Instituto Histórico e Geográfico do Tapajós – IHGTap, Santarém, v. 4, n. 2, 2016.

Vaz filho, F. A; Carvalho, L. G. **Isso tudo é encantado**. Santarém-PA: UFOPA, 2013.

## ANEXOS



Documento do registro de Cuipiranga

Fonte: Eloane Picanço